O IMPACTO DA SUSTENTABILIDADE NA VALORIZAÇÃO DA CARNE BOVINA NO MERCADO BRASILEIRO.

ANDREZA APARECIDA CORDEIRO SILVA[1]
EVELYN CISILIO[2]
ROBERTO DE ANDRADE BORDIN[3]
RAFAEL BUENO[3]

RESUMO

A cadeia produtiva da carne bovina brasileira possui relevância socioeconômica, mas enfrenta desafios ambientais relacionados ao uso do solo, à degradação de pastagens e às emissões de gases de efeito estufa (GEE). Este trabalho analisa a influência de práticas sustentáveis na valorização do produto no mercado nacional. Trata-se de pesquisa bibliográfica e documental, de abordagem quanti-qualitativa, fundamentada em estudos sobre percepção dos consumidores e impactos ambientais e nutricionais da alimentação. Foram considerados dados de 496 consumidores brasileiros e de 32.853 indivíduos. Os resultados indicam que a pegada de carbono da carne bovina por 1.000 kcal é aproximadamente 18 vezes superior à dos demais alimentos. Também evidenciam que sustentabilidade, bem-estar animal e transparência produtiva influenciam as escolhas dos consumidores, embora não garantam maior disposição para pagar. Conclui-se que práticas sustentáveis podem fortalecer a competitividade da carne bovina, mediante rastreabilidade, certificação e comunicação transparente.

Palavras-chave: Agronegócio; Percepção do consumidor; Pecuária de corte; Proteína animal.

INTRODUÇÃO

A produção de carne bovina possui significativa importância para o agronegócio brasileiro e integra uma cadeia produtiva que envolve produtores, indústrias, varejistas e consumidores. Apesar de sua relevância econômica, a pecuária bovina enfrenta desafios relacionados à sustentabilidade, especialmente quanto ao uso do solo, à degradação de pastagens, ao desmatamento e às emissões de gases de efeito estufa. Nesse cenário, práticas produtivas que conciliem eficiência econômica e redução dos impactos ambientais são relevantes para a continuidade e a competitividade da atividade. Pesquisas sobre sistemas de produção e percepção pública também

[1]Graduando(a), CST em Agronegócio pela Faculdade de Tecnologia de Mogi das Cruzes – FATEC-MC. Mogi das Cruzes-SP. E-mail: andreza.silva01@aluno.cps.sp.gov.br
[2]Graduando(a), CST em Agronegócio pela Faculdade de Tecnologia de Mogi das Cruzes – FATEC-MC. Mogi das Cruzes-SP.
[3]Docente, CST em Agronegócio pela Faculdade de Tecnologia de Mogi das Cruzes – FATEC-MC. Mogi das Cruzes-SP.

mostram que as preocupações ambientais e o bem-estar animal fazem parte do debate sobre a pecuária (Lobato *et al.,* 2014; Yunes; Von Keyserlingk; Hötzel, 2017).

Diante desse contexto, torna-se relevante compreender de que maneira a sustentabilidade pode influenciar a valorização da carne bovina no mercado brasileiro, considerando a diferenciação do produto, as práticas adotadas ao longo da cadeia produtiva e a percepção dos consumidores. Dessa forma, o presente estudo teve como objetivo analisar o impacto da sustentabilidade na valorização da carne bovina no mercado brasileiro, considerando sua relação com a diferenciação do produto, a percepção do consumidor e a possibilidade de agregação de valor.

REFERENCIAL TEÓRICO

A sustentabilidade na cadeia produtiva da carne bovina envolve recuperação de pastagens, eficiência no manejo, rastreabilidade, certificação, bem-estar animal e redução dos impactos ambientais. Essas práticas permitem conciliar produtividade e conservação dos recursos naturais, podendo representar oportunidades de diferenciação e competitividade (Lobato *et al.*, 2014). A valorização comercial, entretanto, depende do reconhecimento desses atributos pelo consumidor. A rastreabilidade e a comunicação transparente favorecem a identificação da origem e dos sistemas de produção, reduzindo a assimetria de informações. Contudo, a percepção positiva sobre práticas sustentáveis não implica, necessariamente, disposição para pagar preços superiores (Sartori *et al.*, 2025; Yunes; Von Keyserlingk; Hötzel, 2017).

Nesse contexto, Sartori *et al.* (2025) destacam que sustentabilidade e bem-estar animal influenciam a avaliação dos sistemas produtivos, embora apresentem relação limitada com a disposição de pagar mais pela carne bovina. Paralelamente, qualidade e saudabilidade também participam da percepção do produto. Assim, a adoção de práticas sustentáveis, associada à comprovação de seus benefícios e à transparência das informações, constitui estratégia relevante para fortalecer a credibilidade, a diferenciação mercadológica e a competitividade da pecuária brasileira.

CONTEXTUALIZAÇÃO ARGUMENTATIVA

A valorização da carne bovina no mercado brasileiro está profundamente atrelada à capacidade do setor de responder às demandas por sustentabilidade e transparência. Historicamente, a pecuária extensiva e os sistemas intensivos de terminação enfrentam gargalos socioambientais distintos. Enquanto a degradação de pastagens reduz a produtividade e aumenta a pressão sobre ecossistemas nativos, a engorda em confinamento está associada a preocupações quanto ao manejo de dejetos, à potencial poluição hídrica e ao bem-estar animal.

Para compreender essa relação, também é necessário considerar a participação da carne bovina nos hábitos alimentares e sua contribuição nutricional. A Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE (2011) apresenta dados sobre a ingestão alimentar da população brasileira, enquanto o Guia Alimentar para a População Brasileira

(Brasil, 2014) destaca a importância de uma alimentação equilibrada, baseada predominantemente em alimentos in natura ou minimamente processados, recomendando moderação no consumo de carnes vermelhas. Nesse contexto, Garzillo *et al.* (2022) demonstram que a fração da dieta composta por carne bovina apresenta pegadas de carbono e hídrica superiores às dos demais alimentos, embora contribua significativamente para o fornecimento de proteínas, ferro, zinco e vitamina B12. Esse contraste reforça a importância de conciliar impactos ambientais, eficiência produtiva e valor nutricional. A tabela 1, abaixo apresenta os indicadores por 1.000 kcal consumidas.

Tabela 1. Indicadores de impacto ambiental e composição nutricional da fração de carne bovina e dos demais alimentos da dieta brasileira.

Indicador / Variável	Fração Carne Bovina	Fração Demais Alimentos	Razão (Carne / Demais)
Pegada de Carbono (gCO2e / 1.000 kcal)	18.250	1.010	18,1x
Pegada Hídrica (L / 1.000 kcal)	3.420	310	11,0x
Proteína (% energia total)	42,5	11,2	3,8x
Gordura Saturada (% energia total)	14,8	7,9	1,9x
Ferro (mg / 1.000 kcal)	8,5	5,1	1,7x
Zinco (mg / 1.000 kcal)	18,2	2,9	6,3x
Vitamina B12 (mcg / 1.000 kcal)	12,4	0,8	15,5x
Fibra Alimentar (g / 1.000 kcal)	0,0	12,8	0,0x

Fonte: Adaptado de Garzillo *et al.,* (2022).

No comportamento do consumidor, observa-se uma diferença entre a preocupação com atributos socioambientais e a disposição para pagar um preço adicional. Segundo Sartori *et al.* (2025), 94% dos entrevistados consideram indispensável a indicação do sistema de alimentação no rótulo da embalagem, enquanto 50,7% declaram não estar dispostos a pagar valor adicional por carne com certificação de origem. O estudo também registra preferência pelo sistema a pasto entre parte dos participantes. Esses resultados sugerem que sustentabilidade e bem-estar animal influenciam a percepção e a confiança no produto, mas não garantem, isoladamente, maior preço de venda.

A diferenciação do produto pode ganhar força quando a sustentabilidade é associada a atributos de qualidade percebidos pelo consumidor, como sabor, maciez, aparência e origem. Os sistemas de produção podem ser interpretados de maneiras distintas pelo público, tornando essencial apresentar informações claras e fundamentadas. Assim, a valorização da carne bovina depende da integração entre rastreabilidade, certificação socioambiental e comunicação transparente, evitando alegações genéricas que não possam ser comprovadas.

CONCLUSÃO

Por fim, a sustentabilidade pode fortalecer a diferenciação e a competitividade da carne bovina no mercado brasileiro, desde que associada à adoção de práticas

produtivas verificáveis, rastreabilidade, certificação e transparência. Embora os consumidores valorizem aspectos ambientais e o bem-estar animal, tais atributos não garantem maior disposição para pagar pelo produto, evidenciando a importância de estratégias que conciliem responsabilidade socioambiental, credibilidade e valorização comercial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. ed., 1. Brasília: 2014. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf Acesso em: 01.nov.2026.

GARZILLO, Josefa Maria Fellegger et al. Consumo alimentar no Brasil: Influência da carne bovina no impacto ambiental e na qualidade nutricional da dieta. **Revista de Saúde Pública**, v. 56, p. 102, São Paulo, SP, Brasil, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rsp/a/TZNfkZNB9PXbK6LpBFf6jbC/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 22.set.2026.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009: Análise do consumo alimentar pessoal no Brasil**. Coordenação de Trabalho e Rendimento - Rio de Janeiro: 2011. 150 p. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv50063.pdf Acesso em: 05.nov.2026.

LOBATO, José Fernando Piva et al. Brazilian beef produced on pastures: Sustainable and healthy. **Meat Science**, v. 98, n. 3, p. 336-345, Amsterdam, Holanda, 2014. Disponível em: https://diretoriacientificaicfuc.org.br/wp-content/uploads/2016/06/Brazilian-beef-produced-on-pastures-sustainable-and-healthy-1.pdf Acesso em: 22.set.2026.

SARTORI, Dayana Bernardi Sarzi et al. Percepção do consumidor brasileiro sobre a carne bovina produzida em sistema de confinamento. **Ciência Animal Brasileira**, v. 26, p. e-80449P, Goiânia, GO, Brasil, 2025. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cab/a/WVPgpsgcYpvyvMcdgJ3f4QS/?format=pdf&lang=pt&ilang=en Acesso em: 30.set.2026.

YUNES, Maria Cristina; VON KEYSERLINGK, Marina Andrea Graefin; HÖTZEL, Maria José. Brazilian citizens' opinions and attitudes about farm animal production systems. **Animals**, Basel, v. 7, n. 10, p. 75, 2017. Disponível em: https://www.mdpi.com/2076-2615/7/10/75 Acesso em: 04.out.2026.